

Por duas vezes, o ministro Dilson Funaro perdeu a paciência, ontem, em Washington, e fugiu dos repórteres que o cercavam. Foi quando lhe perguntaram sobre seu plano econômico, aquele livrinho amarelo, distribuído aos banqueiros e à imprensa, que ganhou o apelido de "livro de ouro" do Brasil.

A primeira vez, diante do prédio do FMI, quando chegava para a primeira reunião do grupo de 24 ministros da Fazenda da Ásia, África e América Latina, pouco depois das dez da manhã:

— Ministro, o *Wall Street Journal* está contando que dois banqueiros acham que o Brasil não está pronto para negociar, depois que o ouviram falar em Nova York. O que é que o sr. acha?

— Não brinco com coisa séria — cortou o ministro Funaro.

Antes, respondendo a outras perguntas, ele explicou que "não vim discutir nenhum plano econômico interno com bancos estrangeiros. O plano é um problema do Brasil. Os países devedores precisam resgatar a dignidade que perderam nos últimos anos, renegociando suas dívidas".

Um banqueiro americano, que saiu da reunião com Funaro em Nova York com a mesma impressão de seus dois amigos citados pelo *Wall Street Journal* de ontem, protestou, quando consultado:

— A conversa de que ele não veio discutir plano não faz sentido. Nós temos quase 110 bilhões de dólares no Brasil. E precisamos saber.

A segunda vez que o ministro Funaro se irritou, revelando que o assunto é delicado, foi quando saía da reunião do Grupo dos 24, quase uma da tarde. Um repórter lhe dizia, para formular uma pergunta, que soubera, entre funcionários da Secretaria do Tesouro próximos do presidente do Federal Reserve System, Paul Volcker, que o Brasil ainda não tinha um plano, apenas uma estratégia geral e...

— Deixa eu colocar de saída o

Funaro no FMI: do mau-humor ao otimismo.

Depois de irritar-se com jornalistas, ele anuncia que o Banco Mundial enviará ao Brasil na semana que vem uma missão para examinar novos projetos.

seguinte — o ministro Funaro interrompeu, visivelmente nervoso. — Eu não respondo perguntas de pessoas que não se identificam. Eu me identifico sempre, e coloco muito bem as posições. Seu Volcker não disse isso. O sr. me desculpe, mas eu tenho uma outra afirmação do seu Volcker. O que é preciso ser colocado com clareza é o seguinte: o Brasil fez um programa de ajuste, existe um plano, o plano é de refinanciamento dos quatro anos, e está sendo levado com a maior seriedade (o chamado *golden book*). Qualquer discussão fora deste tema eu não discuto.

Um dos cinco banqueiros norte-americanos que se encontraram com o ministro Funaro em Nova York, anteontem, foi o presidente do Bankers Trust, o mesmo que coordena as linhas de curto prazo interbancárias e comerciais que mantêm os bancos brasileiros funcionando nos Estados Unidos. E o

Bankers Trust, ontem à tarde, colocou 540 milhões de dólares de seu crédito ao Brasil em *non-accrual basis*, calculando que vai perder sete milhões de dólares em juros neste primeiro trimestre, e 30 milhões de dólares até o final do ano — outro banco que fez o mesmo ontem, tornando-se o décimo dos últimos dias, foi o Security Pacific, de Los Angeles, que reclassificou 401 milhões de dólares da dívida brasileira, prevendo uma perda de 7,2 milhões de dólares no primeiro trimestre. Dois outros bancos de Dallas, o Republicbank Corp. e o Interfirst Corp. também reclassificaram os empréstimos ao Brasil.

Nas vezes que saiu e entrou no prédio do Fundo Monetário Internacional, ontem, o ministro Funaro pôde ver um piquete de apoio ao Brasil, com um cartaz preso a um caixote: "Viva o Brasil", estava escrito. Mas este é um apoio pouco recomendável: parte do político ul-

traconservador e radical Lyndon Larouche, o mesmo que já garantiu que "a rainha da Inglaterra importa cocaína" e que "Reagan espalha Aids" pelo mundo.

Mas o ministro Funaro está encontrando outros que o apóiam, como disse aos jornalistas brasileiros em suas duas entrevistas tumultuadas de ontem. E entre eles, os próprios banqueiros.

Como foi a sua reunião com os cinco dos maiores credores do Brasil? (O Citicorp, o Chemical, o Bankers Trust, o Chase Manhattan e o First National de Chicago.)

Ministro Funaro: — Reunião onde colocamos a verdade, o que aconteceu, o quanto é importante eles (os banqueiros) assumirem que havia uma crise em 80 e 82. Uma reunião positiva, porque toda reunião que examina em profundidade o problema da crise são reuniões positivas, e eu espero que este caminho de um diálogo franco

e aberto possa trazer bons resultados.

— A reunião serviu para aproximar o Brasil de seus credores?

Ministro Funaro: — O Brasil nunca esteve distante de uma discussão séria. Ao contrário: sempre colocamos isto durante o último ano e meio. As vezes pode ter um obstáculo como a suspensão do pagamento dos juros. Mas não significa que não tenhamos sempre uma discussão, à altura e com a profundidade do problema.

— E a reação dos banqueiros, como foi?

Ministro Funaro: — Positiva. Todos sabem que estamos no mesmo problema. A resposta é sempre a de que estamos no mesmo barco. E é uma verdade.

Novidades positivas

O presidente do Banco Central, Francisco Gros, vai discutir com o



comitê de assessoramento dos bancos credores, amanhã, em Nova York, apenas os empréstimos de longo prazo que venceram em 1986 e 87.

Segundo uma fonte brasileira que acompanha de perto as negociações, algumas certezas podem ser destacadas: a de que o FMI, mesmo mudado, politicamente, está fora de qualquer cogitação, ou a de que o reinício do pagamento dos juros esteja próximo: "Isso dependerá da situação de nossas reservas. Mas março e abril já foram muito prejudicados pelas greves". E mais: duas alternativas estão-se delineando nas conversações preliminares e informais: a que parte da dívida poderá ser convertida em investimentos, principalmente pelos credores que tenham bancos de investimento, e que os juros poderão ser capitalizados.

O discurso de Michel Camdessus, diretor do FMI, não divulgado à imprensa, foi considerado pelo ministro Funaro como "muito positivo".

— Ele insistiu muito em que não existe nenhuma possibilidade de as nações em desenvolvimento pararem de crescer. E isto muda o enfoque dos discursos anteriores. O sr. Camdessus fez um excelente discurso mostrando que hoje em dia as nações precisam crescer para sair dos problemas e resolver o problema da dívida, o que é um passo extremamente positivo.

Outra novidade positiva, segundo Funaro, ao sair, no final da tarde, de um encontro com o presidente do Banco Mundial, Barber B. Conable:

— O Banco Mundial vai enviar uma missão ao Brasil, na semana que vem, para examinar novos projetos.

Funaro não quis entrar em detalhes. O embaixador Marcílio Marques Moreira, que o acompanhava, apenas comentou que "o clima das conversações está muito positivo".

Moisés Rabinovici,
de Washington.